U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Caracterização psicolinguística de categorias discursivas LGBTQ+ no X/Twitter: enfoque na temática trans

Lucinda Costa Martins

M

2026

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Caracterização Psicolinguística de Categorias Discursivas LGBTQ+ no Twitter: Enfoque na Temática Trans

Lucinda Maria da Costa Martins
outubro de 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de especialização de Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor **Maurício Martins** (FPCEUP)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, a autora declara que recorreu à ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT durante o processo de elaboração deste trabalho, nomeadamente como apoio na revisão linguística, na melhoria da clareza e coerência textual, na reformulação de parágrafos e na organização estrutural de algumas secções.

A utilização desta ferramenta limitou-se a esses fins, permanecendo integralmente da responsabilidade da autora todas as decisões relativas ao conteúdo, incluindo a definição dos objetivos, a análise e interpretação dos resultados, a fundamentação teórica e a redação científica original da dissertação.

Agradecimentos

Quero começar por agradecer ao meu orientador, Professor Maurício Martins, pelo cuidado, pela preocupação e pela forma como me acolheu. Foi uma honra ser sua aprendiza, e mesmo não sabendo se um dia ainda nos vamos cruzar, vai ficar para sempre marcado na minha vida.

À minha família, especialmente às minhas filhas, Matilde e Rita, agradeço a paciência, a compreensão e o apoio. Sei que não foi fácil compreenderem as decisões da mãe, pois nem sempre consegui estar presente de corpo e alma. Obrigada por terem respeitado as minhas ausências, os meus silêncios, as minhas impaciências durante este percurso. Agradeço ao meu marido, a paciência nos meus maus dias (e que foram bastantes), em nunca desistir de mim, mesmo nos momentos mais complicados.

Aos meus amigos, em especial à minha amiga Doaria, que sempre me deu força, e nunca me deixou desistir, mesmo nos momentos mais difíceis, e por me lembrar que era possível e que eu era capaz quando eu própria duvidava.

Por fim, agradeço a Deus, por ter estado sempre presente e ter caminhado ao meu lado, ao longo deste percurso muitas vezes desesperante, pela falta de saúde e pela incerteza. A sua presença deu-me força, esperança e coragem para continuar.

Obrigada por tudo a todos…

Resumo

Os discursos LGBTQ+ no X/Twitter podem assumir posicionamentos diversos relativamente à temática trans. Este estudo teve como propósito analisar diferenças psicolinguísticas entre três categorias de discurso: trans-excludente (LGB), trans-específico (Trans) e trans-inclusivo (LGBT). A relevância desta análise reside no papel dos discursos online na reprodução ou na contestação do estigma dirigido às pessoas LGBTQ+. Testaram-se as hipóteses de que os discursos trans-excludentes (LGB) apresentam níveis inferiores de linguagem pró-social (H1) e níveis mais elevados de desumanização (H2) e de conflito (H3) relativamente às categorias Trans e LGBT.

O corpus reuniu mais de 800 000 tweets, recolhidos entre 2022 e 2023 e classificados nas categorias LGB, Trans e LGBT. Utilizaram-se o LIWC-22 e dicionários de humanização/desumanização, de moralidade e de linguagem pró-social. Os resultados indicaram apoio a todas as hipóteses, com a categoria LGB a registar valores mais baixos de linguagem prosocial e de humanização e valores mais elevados de conflito. Em análises exploratórias, encontramos um tom emocional mais positivo na categoria Trans (e mais negativo na categoria LGB) e um padrão interessante na expressão das dimensões morais. Em particular, a expressão de cuidado foi mais elevada na categoria LGBT; a de justiça e lealdade, na categoria Trans; e a de autoridade e santidade/pureza, na categoria LGB. As magnitudes dos efeitos foram reduzidas. Em conjunto, os resultados mostram diferenças lexicais entre categorias de discurso LGBTQ+ com diferentes relações com a temática trans.

Palavras-chave: discursos LGBTQ+; linguagem pró-social, humanização; conflito

Abstract

LGBTQ+ discourse on X/Twitter can adopt various stances regarding trans issues. This study aimed to analyse psycholinguistic differences among three discourse categories: trans-exclusionary (LGB), trans-specific (Trans), and trans-inclusive (LGBT). The relevance of this analysis lies in the role of online discourse in either reproducing or challenging the stigma directed at LGBTQ+ individuals. Hypotheses were tested positing that trans-exclusionary (LGB) discourse exhibits lower levels of prosocial language (H1) and higher levels of dehumanization (H2) and conflict (H3) compared to the Trans and LGBT categories.

The corpus comprised over 800 000 tweets collected between 2022 and 2023, classified into LGB, Trans and LGBT categories. LIWC-22 and dictionaries for humanization/dehumanization, morality, and prosocial language were employed. Results supported all hypotheses, with the LGB category recording lower values for prosocial language and humanization, and higher values for conflict. Exploratory analyses revealed a more positive emotional tone in the Trans category (and a more negative one in the LGB category) and a interesting pattern regarding the expression of moral dimensions. Specifically, the expression of care was highest in the LGBT category; justice and loyalty were highest in the Trans category; and authority and sanctity/purity were highest in the LGB category. Effect sizes were small. Overall, the results demonstrate lexical differences among LGBTQ+ discourse categories based on their varying relationships with trans issues.

Keywords: LGBTQ+ discourse; prosocial language; humanization; conflict

Índice

Introdução.....8

Lacunas na literatura e pertinência do estudo.....10

Objetivo e hipóteses de investigação.....10

Método.....12

Corpus e constituição das categorias.....12

Medidas e instrumentos.....14

Análise de dados.....15

Resultados.....16

Análise descritiva.....16

Análise inferencial.....18

Análises exploratórias do tom emocional e das fundações morais.....20

Discussão.....24

Linguagem pró-social.....24

Humanização.....25

Linguagem de conflito.....25

Tom emocional e fundações morais.....26

Conclusão.....29

Referências.....31

Introdução

A investigação sobre as experiências das pessoas trans tem documentado a exposição a experiências de discriminação, rejeição, vitimização e estigmatização associadas à identidade ou à expressão de género (Hendricks & Testa, 2012; Testa et al., 2015). Na sua formulação original, dirigida a populações LGB, Meyer (2003) propôs que o preconceito, o estigma e a discriminação constituem stressores sociais associados a problemas de saúde mental. Este enquadramento foi posteriormente adaptado às pessoas trans por Hendricks e Testa (2012), que salientaram que as consequências psicológicas negativas estão relacionadas com a exposição a stressores minoritários e não com a identidade de género em si mesma.

Na adaptação deste modelo às pessoas trans, Hendricks e Testa (2012) distinguiram entre stressores distais ou externos, como experiências de discriminação e ameaças à segurança, e processos proximais, como expetativas de rejeição, ocultação da identidade e transfobia internalizada. Testa et al. (2015) incorporaram estas dimensões na *Gender Minority Stress and Resilience Measure* (GMSR), juntamente com a rejeição, a vitimização e a não afirmação da identidade de género. Esta distinção permite compreender o stress minoritário como um conjunto de experiências sociais e processos psicológicos relacionados, que não se limitam a episódios explícitos de discriminação.

Esta abordagem é complementada pela conceptualização do estigma proposta por Link e Phelan (2001), que definiram o estigma como um processo que envolve a articulação entre rotulação, estereotipização, separação, perda de estatuto e discriminação, sustentada por relações de poder. No presente estudo, esta conceptualização é utilizada para enquadrar a análise dos discursos como formas de comunicação que podem reproduzir ou contestar esses processos.

No domínio do discurso online, Meira et al. (2023) analisaram um episódio de linchamento virtual dirigido a um homem trans no Twitter. Os autores identificaram conteúdos associados ao conservadorismo religioso, à projeção, à destrutividade, a preocupações relacionadas com o sexo e a uma base político-económica, bem como publicações de defesa da pessoa visada. Por se tratar de um estudo centrado num episódio específico, estes resultados dizem respeito ao caso analisado e não permitem generalizar para o discurso online em geral.

A investigação computacional do discurso de ódio tem desenvolvido métodos para identificar e classificar conteúdos abusivos ou discriminatórios publicados em ambientes digitais (Fortuna & Nunes, 2018). Para além da deteção geral de discurso hostil, alguns trabalhos propuseram modelos dirigidos a mecanismos discursivos específicos. Mendelsohn et

al. (2020) desenvolveram um enquadramento computacional para analisar componentes linguísticos da desumanização em discussões sobre pessoas LGBTQ+.

Esta complexidade também se observa em estudos qualitativos realizados noutras plataformas. Teixeira e Haiashida (2025) analisaram publicações, comentários e interações no Instagram dirigidos às feminilidades trans e identificaram práticas cissexistas e moralizantes associadas à rejeição, à patologização, à negação da existência e à violência simbólica. O estudo descreveu ainda a presença de moralismo religioso, polarização e desinformação. Estes resultados mostram que o discurso transfóbico online pode envolver processos de deslegitimação que não se reduzem à mera utilização de insultos explícitos.

A literatura sobre o discurso online LGBTQ+ inclui, portanto, diferentes objetos e estratégias metodológicas. Lu e Jurgens (2022) verificaram que a retórica trans-excludente pode assumir formas subtis, incluindo formulações que parecem defender determinadas causas enquanto excluem mulheres trans da categoria de mulher. Consequentemente, abordagens centradas em formas diretas de toxicidade podem não captar adequadamente todas essas formulações. Locatelli et al. (2023), num estudo multilingue sobre homotransfobia no Twitter, identificaram expressões culturais diferenciadas e relacionaram-nas com desinformação, preconceitos culturais e crenças religiosas.

Também foram desenvolvidos estudos que articulam a linguagem online aos processos psicológicos. Saha et al. (2019) analisaram publicações no Reddit sobre experiências de stress minoritário LGBTQ+ e mostraram a viabilidade de estudar esses processos através de padrões linguísticos produzidos em ambientes digitais.

No domínio da desumanização, Mendelsohn et al. (2020) propuseram um enquadramento baseado em avaliação negativa, negação de agência, nojo moral e metáforas de vermes. Por sua vez, Kennedy et al. (2023) verificaram que a linguagem de ódio pode mobilizar conteúdos morais, tendo identificado particular relevância da linguagem associada à pureza e, em determinados contextos, à lealdade. Estes trabalhos mostram que a desumanização e a moralização podem ser investigadas através de indicadores linguísticos, embora tenham sido analisadas em objetos e contextos distintos.

A investigação demonstra igualmente que o discurso de ódio não constitui uma categoria linguística homogénea. Exemplo disso é o estudo de Yoder et al. (2022) que verificou que a linguagem do discurso de ódio varia sistematicamente em função da identidade do grupo visado. Os padrões lexicais identificados podem estar relacionados a estereótipos, histórias de

opressão e contextos sociais específicos de cada grupo. Estes resultados reforçam a importância de considerar a identidade-alvo e o respetivo contexto social na análise do discurso hostil.

No contexto português mais recente, Santos de Menezes (2025) analisou denúncias e inquéritos relativos a crimes de ódio homotransfóbicos e identificou consequências psicológicas, sociais, económicas e físicas, tendo observado que a maioria dos casos envolvia crimes cibernéticos.

Lacunas na literatura e pertinência do estudo

Em conjunto, estes trabalhos mostram que o estudo do discurso LGBTQ+ online abrange diversos processos e unidades de análise. Na literatura considerada, permanece pouco explorada a integração destes indicadores linguísticos num desenho comparativo aplicado a categorias de discurso distintas e com posicionamentos diferentes relativamente à temática trans.

Os estudos incidem, contudo, sobre mecanismos específicos e contextos de análise particulares: Lu e Jurgens (2022) analisaram formas subtis de exclusão na retórica trans-excludente; Mendelsohn et al. (2020) desenvolveram um enquadramento computacional para analisar a desumanização em discussões sobre pessoas LGBTQ+ e Kennedy et al. (2023) examinaram a relação entre linguagem de ódio em diferentes contextos. Por incidirem sobre objetos, corpora e operacionalizações distintos, estes trabalhos não permitem, por si sós, uma comparação integrada entre discursos LGBTQ+ com posicionamentos distintos relativamente à temática trans.

Objetivo e hipóteses de investigação

O presente estudo pretende contribuir para o preenchimento desta lacuna, por meio da análise, no X/Twitter, de três modalidades discursivas: 1) LGB, associada, neste corpus, ao discurso trans-excludente; 2) Trans, correspondente a um discurso centrado em questões trans; e 3) LGBT, operacionalizada como uma categoria mais abrangente e trans-inclusiva. Comparam-se estas modalidades quanto à linguagem pró-social, a um indicador de humanização, utilizado como medida indireta para avaliar a hipótese de desumanização, e ao

conflito. Exploram-se ainda as diferenças no tom emocional e nas cinco fundações morais – cuidado, justiça, lealdade, autoridade e santidade/pureza.

Com base na revisão da literatura e nos objetivos definidos, formulam-se as seguintes hipóteses de investigação. Em comparação com posts trans-excludentes (categoria LGB), prevê-se que posts trans-inclusivos das categorias Trans e LGBT apresentem:

H1. Níveis superiores de linguagem pró-social.

H2. Linguagem mais humanizante (menos desumanizante).

H3. Valores mais baixos no indicador de linguagem de conflito.

Método

O presente estudo seguiu uma abordagem quantitativa, observacional, não experimental e comparativa, baseada na análise computacional de um corpus de publicações do X/Twitter. A unidade de análise foi cada post ou publicação individual. As diferenças entre as categorias discursivas foram analisadas por meio de procedimentos estatísticos não paramétricos.

Corpus e constituição das categorias

O corpus original reuniu mais de 800 000 publicações recolhidas na rede social Twitter, entre março de 2022 e julho de 2023. A recolha foi realizada através da ferramenta *snscrape*, em Python, utilizando os termos de pesquisa "lgb", "lgbt" e "pridemonth".

Após a recolha, foram analisadas as 1000 hashtags mais frequentes no corpus e definidos critérios de classificação para três categorias discursivas: LGB, associada a conteúdos trans-excludentes ou anti-trans; Trans, associada a conteúdos trans-específicos ou relacionados com pessoas trans; e LGBT, associada a conteúdos LGBTQ+ abrangentes e trans-inclusivos.

A aplicação destes critérios permitiu classificar 453 001 tweets na categoria LGBT, 56 393 na categoria LGB e 50 703 na categoria Trans. Os hashtags e as palavras-chave utilizados para a identificação das categorias são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

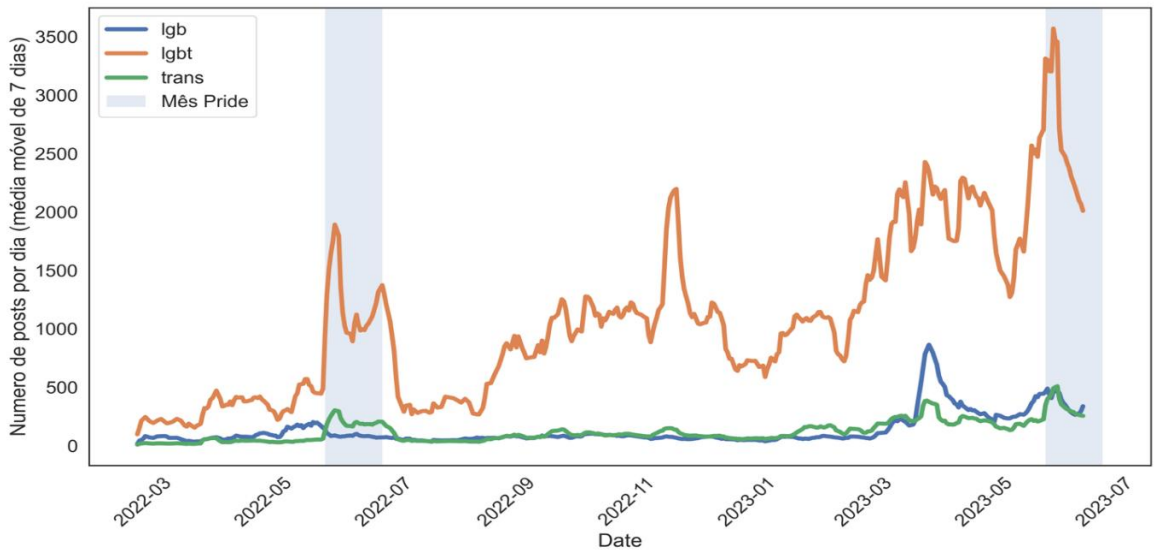
Hashtags e palavras-chave utilizadas na identificação das categorias discursivas

LGB (excludente)	Trans (específico)	LGBT (inclusivo)
lgb lgbwithout lgbwithoutthe withoutthet dropthet lgbwiththet transingawaythegay gaysagainstgroomers gaynotqueer sexnotgender letwomenspeak whatisawoman transwomenareconmen transterrorism transterrorists	transrights transrightsarehumanrights transgender transdayofvisibility tdov translivesmatter protecttranskids transwomenarewomen transisbeautiful transawareness transawarenessweek transpride transphobia nonbinary enby genderfluid genderidentity queer	lgbt lgbtq lgbtqia lgbtqi lgbtiq lgbti lgbtqiaplus lgbtqia2s lgbtq2s 2slgbtq 2slgbtqia glbt lbgtq lgtbq

A distribuição temporal das publicações evidenciou um aumento da frequência de tweets no mês do Orgulho LGBTQ+, em junho (Figura 1).

Figura 1

Densidade temporal dos tweets



Nota. As áreas sombreadas correspondem ao mês do Orgulho LGBTQ+ (junho)

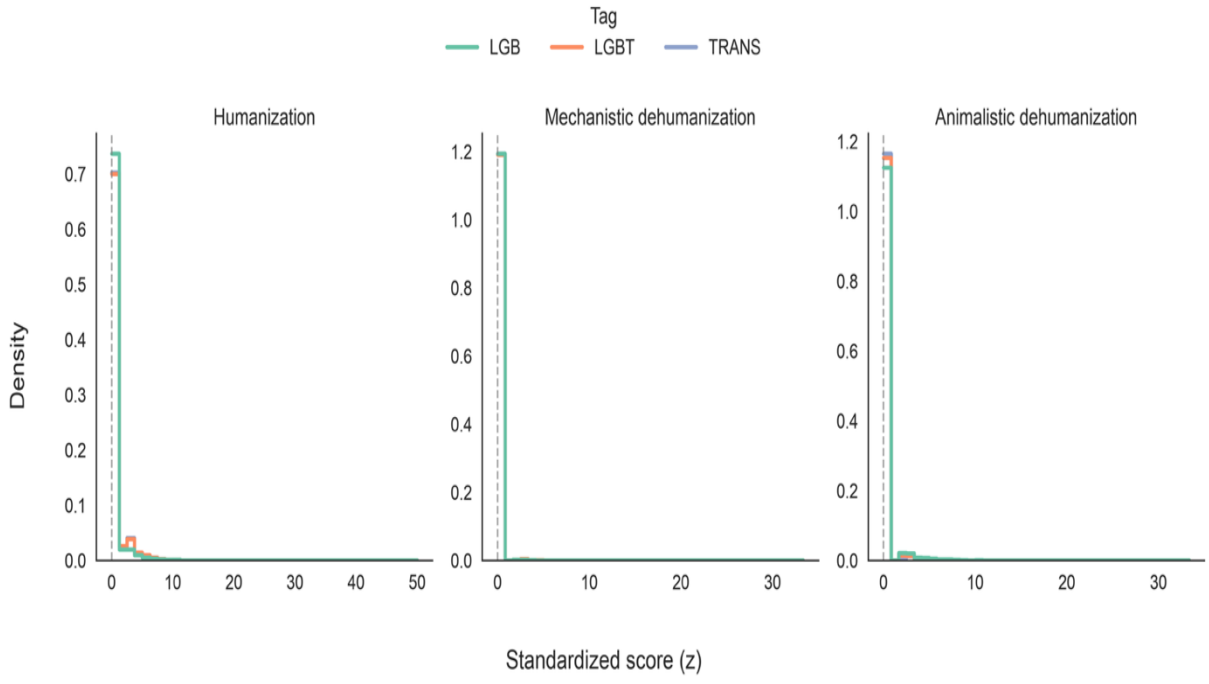
Medidas e instrumentos

As características psicolinguísticas dos tweets foram analisadas por meio do *Linguistic Inquiry and Word Count* (LIWC-22; Boyd et al., 2022), uma ferramenta de análise computacional de texto que permite quantificar a frequência de palavras em diferentes categorias linguísticas e psicológicas. No presente estudo, foram considerados os indicadores de tom emocional, linguagem pró-social e conflito.

Para a análise da humanização e da desumanização, utilizou-se um dicionário de análise linguística baseado no trabalho de Platten et al. (2020). Foram analisados três indicadores lexicais: humanização, desumanização animalística e desumanização mecanicista. O indicador de humanização foi utilizado como medida indireta da desumanização, devido ao facto de a linguagem deshumanizante directa ter sido extremamente rara no nosso corpus (Figura 2).

Figura 2

Distribuições padronizadas das linguagens humanizante e desumanizante no corpus analisado.



A linguagem moral foi analisada através do *Extended Moral Foundations Dictionary* (eMFD; Hopp et al., 2021). Foram considerados os indicadores lexicais correspondentes às cinco fundações morais: cuidado, justiça, lealdade, autoridade e santidade/pureza.

A linguagem pró-social foi avaliada por meio do *Prosocial Words Dictionary*, desenvolvido por Frimer et al. (2014) e posteriormente aplicado pelos mesmos autores (Frimer et al., 2015) na análise computacional da linguagem. O dicionário permite identificar palavras associadas a conteúdos pró-sociais, nomeadamente relacionados com a ajuda, a cooperação e a preocupação com os outros.

Análise de dados

As análises estatísticas foram realizadas com recurso ao software jamovi (versão 2.7.38). Inicialmente, foram calculadas estatísticas descritivas para caracterizar as variáveis em estudo nas três categorias de discurso (LGB, Trans e LGBT).

A análise das distribuições revelou desvios da normalidade de magnitude variável, incluindo assimetria positiva e valores elevados de curtose, e concentração de observações em valores nulos. Atendendo às características das distribuições e à natureza das medidas analisadas, optou-se por utilizar procedimentos estatísticos não paramétricos.

As diferenças entre as três categorias de discurso foram analisadas por meio do teste de Kruskal-Wallis. Quando este teste indicou diferenças estatisticamente significativas, foram realizadas comparações par a par pelo teste de Dunn (Dunn's *pairwise comparisons*), com correção de Bonferroni para múltiplas comparações. A magnitude das diferenças entre os grupos foi avaliada por meio do épsilon quadrado (ε^2). Foi adotado um nível de significância de $\alpha = .05$.

Resultados

Análise descritiva

Inicialmente, foram calculadas estatísticas descritivas das variáveis associadas às hipóteses de investigação – linguagem pró-social, humanização e conflito – para as três categorias de discurso (LGB, Trans e LGBT). A Tabela 2 apresenta as médias e os desvios-padrão obtidos, e a Figura 3 apresenta as médias padronizadas (*z*) em cada uma das categorias de discurso.

Tabela 2

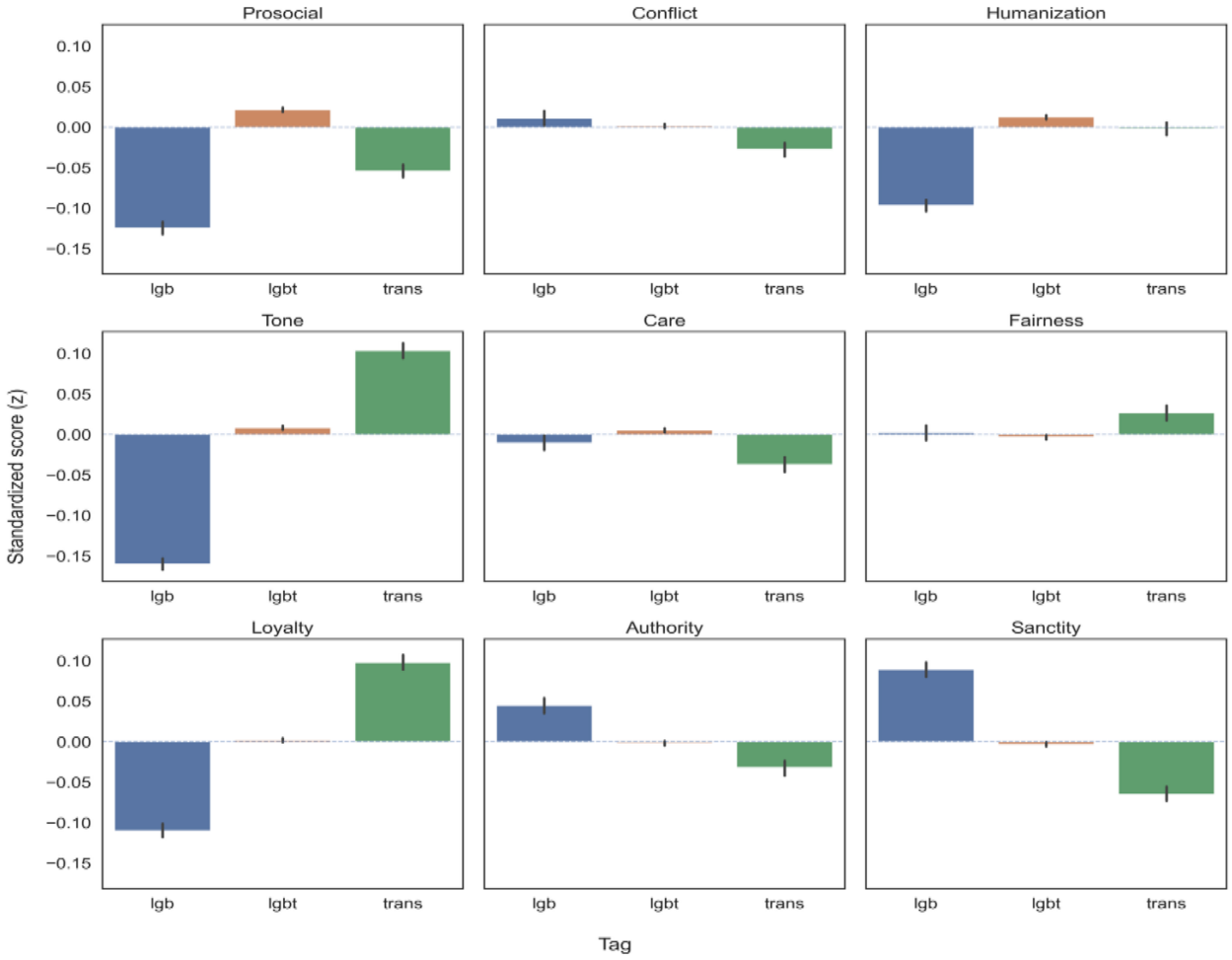
Estatísticas descritivas das variáveis em função da categoria de discurso

Variável	LGB	Trans	LGBT
	M (*DP*)	*M* (*DP*)	*M* (*DP*)
Linguagem pró-social	1.77 (3.42)	2.03 (3.53)	2.32 (3.78)
Humanização	0.319 (1.31)	0.458 (1.40)	0.478 (1.49)
Conflito	0.513 (1.76)	0.453 (1.56)	0.499 (1.55)

Nota. M = média; *DP* = desvio padrão; LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva

Figura 3

Pontuações padronizadas dos indicadores psicolinguísticos em função da categoria de discurso



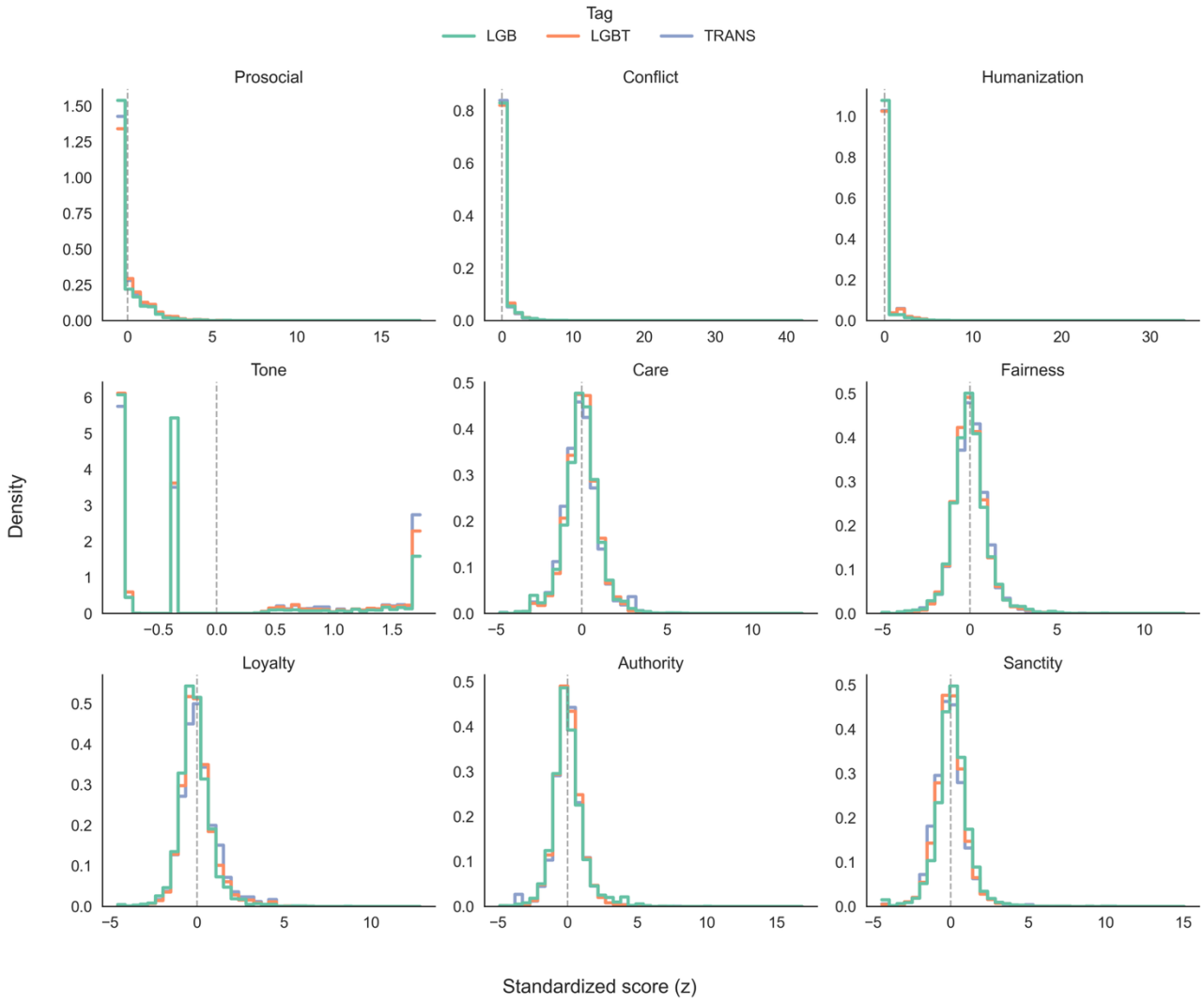
Nota. LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva

Na Tabela 2, a categoria LGB apresenta médias mais baixas de linguagem pró-social e de humanização em comparação com as categorias Trans e LGBT. No conflito, a média mais elevada corresponde à categoria LGB, enquanto a categoria Trans apresenta a média mais baixa. Na representação padronizada da Figura 2, observa-se o mesmo padrão em todos os três indicadores.

Para complementar a caracterização descritiva das variáveis em estudo, a Figura 4 apresenta as respetivas distribuições das variáveis em função das três categorias de discurso.

Figura 4

Distribuição das dimensões psicolinguísticas em função da categoria de discurso



Nota. LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva

As distribuições permitem observar uma elevada concentração de observações em valores próximos de zero e uma assimetria positiva nas dimensões de linguagem pró-social, conflito e humanização.

Análise inferencial

Para analisar se as três categorias de discurso apresentavam diferenças nas variáveis associadas às hipóteses, foram realizados testes de Kruskal-Wallis. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Resultados do teste de Kruskal-Wallis para as variáveis associadas às hipóteses

Variável	χ^2	*gl*	*p*	ε^2
Linguagem pró-social	1789	2	< .001	.00319
Humanização	988	2	< .001	.00176
Conflito	169	2	< .001	.00030

Nota. χ^2 = estatística do teste de Kruskal-Wallis; *gl* = graus de liberdade; *p* = valor de *p*; ε^2 = épsilon quadrado

Foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre as categorias na linguagem pró-social, $\chi^2(2) = 1789$, $p < .001$, $\varepsilon^2 = .003$; na humanização, $\chi^2(2) = 988$, $p < .001$, $\varepsilon^2 = .00176$; e no conflito, $\chi^2(2) = 169$, $p < .001$, $\varepsilon^2 = .00030$. As magnitudes dos efeitos foram reduzidas nas três variáveis. Dado que os testes globais foram significativos, realizaram-se comparações par a par através do teste de Dunn, com correção de Bonferroni. Os resultados relativos à linguagem pró-social são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Comparações par a par de Dunn para a linguagem pró-social

Comparação	*z*	*p* ajustado
LGB–LGBT	−40.10	< .001
LGB–Trans	−15.80	< .001
LGBT–Trans	17.60	< .001

Nota. Os valores de *p* apresentados correspondem aos valores ajustados através da correção de Bonferroni. LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva.

Na linguagem pró-social, as três comparações par a par foram estatisticamente significativas, tendo todos os valores de *p* ajustados pela correção de Bonferroni sido < .001. As médias descritivas apresentaram uma ordem crescente: LGB ($M = 1.77$), Trans ($M = 2.03$) e LGBT ($M = 2.32$).

Os resultados das comparações relativas à humanização são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5

Comparações par a par de Dunn para a humanização.

Comparação	*z*	*p* ajustado
LGB–LGBT	−31.41	< .001
LGB–Trans	−21.34	< .001
LGBT–Trans	2.07	.117

Nota. Os valores de *p* apresentados correspondem aos valores ajustados pela correção de Bonferroni. LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva.

Na humanização, as comparações entre LGB e LGBT e entre LGB e Trans foram estatisticamente significativas, com valores de *p* ajustados < .001. A comparação entre LGBT e Trans não foi estatisticamente significativa (*p* = .117). Descritivamente, a categoria LGB apresentou o valor médio mais baixo (*M* = 0.319), seguida das categorias Trans (*M* = 0.458) e LGBT (*M* = 0.478).

Os resultados das comparações relativas ao conflito são apresentados na Tabela 6.

Tabela 6

Comparações par a par de Dunn para o conflito

Comparação	*z*	*p* ajustado
LGB–LGBT	−5.76	< .001
LGB–Trans	5.14	< .001
LGBT–Trans	12.20	< .001

Nota. Os valores de *p* apresentados correspondem aos valores ajustados pela correção de Bonferroni. LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva.

No conflito, as três comparações par a par foram estatisticamente significativas, com todos os valores de *p* ajustados < .001 (Tabela 6). Descritivamente, a categoria LGB apresentou a média mais elevada (*M* = 0.513), seguida da categoria LGBT (*M* = 0.499), enquanto a categoria Trans apresentou a média mais baixa (*M* = 0.453).

Em conjunto, os resultados relativos à linguagem pró-social e ao conflito apresentaram padrões consistentes com as diferenças previstas nas hipóteses de investigação H1 e H3, respetivamente. A categoria LGB apresentou níveis inferiores de linguagem pró-social e níveis superiores de conflito em comparação com as categorias Trans e LGBT. Relativamente à H2, a categoria LGB apresentou níveis significativamente inferiores de humanização em comparação com as categorias Trans e LGBT, não se tendo verificado diferença estatisticamente significativa entre estas duas últimas categorias. No entanto, apesar da significância estatística das diferenças observadas, as magnitudes dos efeitos foram reduzidas.

Análises exploratórias do tom emocional e das fundações morais

Foram realizadas análises exploratórias com o objetivo de comparar as três categorias de discurso quanto ao tom emocional e às cinco fundações morais - cuidado, justiça, lealdade,

autoridade e santidade/pureza. As estatísticas descritivas destas dimensões são apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7

Estatísticas descritivas do tom emocional e das fundações morais em função da categoria de discurso

Variável	LGB	Trans	LGBT
	M (DP)	*M (DP)*	*M (DP)*
Tom emocional	27.09 (33.65)	37.08 (39.44)	33.47 (38.15)
Cuidado	0.215 (0.049)	0.214 (0.048)	0.216 (0.044)
Justiça	0.208 (0.044)	0.209 (0.041)	0.207 (0.041)
Lealdade	0.201 (0.044)	0.211 (0.049)	0.206 (0.045)
Autoridade	0.195 (0.046)	0.192 (0.042)	0.193 (0.039)
Santidade/Pureza	0.181 (0.043)	0.175 (0.042)	0.177 (0.039)

Nota. Os valores apresentados correspondem a *M (DP). M* = média; *DP* = desvio padrão; LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva.

Na Tabela 7, a categoria Trans apresentou o valor médio mais elevado de tom emocional (M = 37.08), seguida das categorias LGBT (M = 33.47) e LGB (M = 27.09). Nas fundações morais, a categoria LGBT apresentou o valor médio mais elevado de cuidado (M = 0.216), a categoria Trans apresentou os valores médios mais elevados de justiça (M = 0.209) e lealdade (M = 0.211), e a categoria LGB apresentou as médias mais elevadas de autoridade (M = 0.195) e santidade/pureza (M = 0.181).

Em seguida, foram analisadas as diferenças entre as três categorias de discurso através do teste de Kruskal-Wallis. Os resultados e as respetivas estimativas de magnitude do efeito são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8

Resultados dos testes de Kruskal-Wallis para o tom emocional e as fundações morais

Variável	χ^2	*gl*	*p*	ε^2
Tom emocional	1176.07	2	< .001	.00210
Cuidado	198.87	2	< .001	.00037
Justiça	106.81	2	< .001	.00020
Lealdade	981.28	2	< .001	.00181
Autoridade	6.84	2	.033	.00001
Santidade	1051.89	2	< .001	.00194

Nota. χ^2 = estatística do teste de Kruskal-Wallis; *gl* = graus de liberdade; *p* = valor de *p*; ε^2 = épsilon quadrado.

Os testes de Kruskal-Wallis indicaram diferenças estatisticamente significativas entre as três categorias de discurso em todas as dimensões analisadas ($p < .001$ para tom emocional, cuidado, justiça, lealdade e santidade/pureza; e $p = .033$ para autoridade). As magnitudes dos efeitos foram reduzidas, com valores de ε^2 entre .00001 e .00210.

Uma vez que os testes globais foram significativos, realizaram-se comparações par a par por meio do teste de Dunn, com correção de Bonferroni. Os resultados são apresentados na Tabela 9.

Tabela 9

Comparações par a par de Dunn entre as categorias de discurso no tom emocional e as cinco fundações morais

Variável	Comparação	*z*	*p* ajustado
Tom emocional	LGB–LGBT	−25.10	< .001
	LGB–Trans	−34.10	< .001
	LGBT–Trans	−20.60	< .001
Cuidado	LGB–LGBT	21.10	< .001
	LGB–Trans	23.10	< .001
	LGBT–Trans	10.00	< .001
Justiça	LGB–LGBT	24.26	< .001
	LGB–Trans	7.65	< .001
	LGBT–Trans	−13.14	< .001
Lealdade	LGB–LGBT	2.54	.033
	LGB–Trans	−14.81	< .001
	LGBT–Trans	−21.78	< .001
Autoridade	LGB–LGBT	22.01	< .001
	LGB–Trans	15.25	< .001
	LGBT–Trans	−1.05	.882
Santidade	LGB–LGBT	47.30	< .001
	LGB–Trans	43.80	< .001
	LGBT–Trans	12.20	< .001

Nota. Os valores de *p* apresentados correspondem aos valores ajustados pela correção de Bonferroni. LGB = categoria trans-excludente; Trans = categoria trans-específica; LGBT = categoria trans-inclusiva.

As comparações par a par revelaram diferenças estatisticamente significativas entre todas as categorias no tom emocional, no cuidado, na justiça e na santidade, sendo todos os valores de p ajustados < .001 (Tabela 9). Na lealdade, também se observam diferenças significativas nos três pares de categorias; contudo, a comparação entre LGB e LGBT apresentou p = .033, enquanto as comparações entre LGB e Trans e entre LGBT e Trans apresentaram p < .001.

Na autoridade, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre LGB e LGBT e entre LGB e Trans, ambas com p < .001. A diferença entre LGBT e Trans não foi significativa (p = .882).

Considerando as médias apresentadas na Tabela 7, o tom emocional foi mais positivo na categoria Trans, seguido das categorias LGBT e LGB. Nas fundações morais, as médias mais elevadas foram observadas na categoria LGBT no cuidado, na categoria Trans na justiça e na lealdade, e na categoria LGB na autoridade e na santidade/pureza.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo caracterizar e comparar o perfil psicolinguístico de três categorias de discurso LGBTQ+ no X/Twitter — LGB, Trans e LGBT — em relação à temática trans. De modo geral, observam-se diferenças nos indicadores de linguagem pró-social, de humanização e de conflito. A categoria LGB apresentou menor frequência de linguagem pró-social e de vocabulário associado à humanização e maior frequência de linguagem de conflito do que as categorias Trans e LGBT. Contudo, as magnitudes dos efeitos foram reduzidas, pelo que os resultados devem ser interpretados como diferenças nos padrões lexicais do corpus analisado.

Linguagem pró-social

Os resultados apoiaram a H1. A categoria LGB apresentou a média mais baixa de linguagem pró-social (M = 1.77), seguida da categoria Trans (M = 2.03), enquanto a categoria LGBT apresentou a média mais elevada (M = 2.32).

O indicador utilizado representa a frequência relativa de palavras ou de raízes lexicais associadas à pró-socialidade. Uma abordagem semelhante foi utilizada por Frimer et al. (2015), que encontraram uma associação entre a densidade de linguagem pró-social e a aprovação pública do Congresso dos Estados Unidos. Contudo, essa associação não permite concluir que o vocabulário pró-social tenha causado níveis mais elevados de aprovação. Do mesmo modo, no presente estudo, as diferenças observadas devem ser entendidas como diferenças na linguagem utilizada pelas categorias discursivas, não como uma medida direta das atitudes ou dos comportamentos dos autores.

Nai et al. (2018) também encontraram uma relação entre contextos racialmente mais diversos e uma maior expressão de conceitos pró-sociais no X/Twitter. Os autores relacionaram este padrão com a possibilidade de uma identidade mais abrangente. Embora o seu estudo não tenha analisado discursos LGBTQ+, esta proposta oferece um enquadramento para a maior presença de linguagem pró-social nas categorias Trans e LGBT, ainda que com alguma cautela.

Esta cautela é reforçada pelo trabalho de Frimer et al. (2014), que distinguiu entre a apresentação pública de objetivos socialmente valorizados e a prossecução de objetivos individuais. Embora os autores tenham encontrado uma associação entre a densidade de palavras pró-sociais e descrições mais pró-sociais dos objetivos dos participantes, esta associação não permite utilizar a linguagem como uma medida direta das motivações

subjacentes. Aplicado ao presente estudo, este enquadramento significa que a presença de palavras pró-sociais não permite inferir diretamente as intenções dos autores dos tweets nem concluir que estes apresentem comportamentos pró-sociais efetivos.

Deste modo, a H1 foi apoiada ao nível do indicador lexical analisado. As categorias Trans e LGBT apresentaram médias superiores às da categoria LGB, embora a magnitude do efeito tenha sido reduzida ($\varepsilon^2 = .00319$), o que indica uma diferença linguística sistemática, mas de pequena dimensão.

Humanização

Na variável humanização, a categoria LGB apresentou a média mais baixa ($M = 0.319$), seguida pelas categorias Trans ($M = 0.458$) e LGBT ($M = 0.478$). Este padrão é compatível com a direção prevista na H2.

Worthen (2022) identificou atitudes negativas e formas de estigmatização de mulheres trans entre algumas mulheres cisgénero lésbicas com identidade feminista. De forma complementar, Kesberg e Mügge (2026) mostraram que as narrativas anti-género publicadas no X/Twitter podiam recorrer à linguagem e a símbolos para deslegitimar, desumanizar ou enfraquecer a identidade e o estatuto de determinados grupos. Guerra et al. (2025) verificaram igualmente que o discurso de ódio online era frequentemente expresso de forma indireta e que a desumanização podia integrar as estratégias discursivas utilizadas. Estes estudos contribuem para enquadrar a possibilidade de que processos de exclusão e estigmatização sejam construídos por meio de narrativas e formas de linguagem que não dependem apenas de expressões explicitamente desumanizantes.

Neste enquadramento, a média mais baixa observada na categoria LGB corresponde a uma menor presença relativa de vocabulário associado à humanização no corpus analisado. Este padrão pode ser discutido à luz de diferentes formas de construção e de posicionamento dos grupos de discurso, identificadas na literatura. A magnitude do efeito global foi reduzida ($\varepsilon^2 = .00176$), indicando que a variação do indicador de humanização entre as categorias foi de pequena magnitude.

Linguagem de conflito

A categoria LGB apresentou a média mais elevada de linguagem de conflito ($M = 0.513$), seguida pelas categorias LGBT ($M = 0.499$) e Trans ($M = 0.453$). Assim, os resultados

apoiaram a H3 nas duas comparações diretamente previstas, uma vez que as categorias Trans e LGBT apresentaram valores médios de linguagem de conflito inferiores aos da categoria LGB. A diferença entre as categorias LGBT e Trans constitui um resultado adicional.

O indicador de conflito deve ser interpretado como uma medida lexical da presença relativa de palavras associadas ao conflito, e não como uma medida direta de hostilidade ou de intenção agressiva.

Lu & Jurgens (2022) mostraram que a linguagem tóxica de grupos feministas trans-excludentes pode assumir formas subtis. Determinadas mensagens, embora apresentadas como defesa dos direitos e da segurança das mulheres, podiam, simultaneamente, negar a inclusão das mulheres trans na categoria "mulher". De forma semelhante, Milenkovic (2026) descreveu discursos anti-trans e anti-género que, apesar de recorrerem a preocupações aparentemente altruístas, podiam funcionar como formas de agressão verbal e de violência linguística. Estes estudos mostram que a oposição discursiva pode ser expressa sem depender exclusivamente de insultos explícitos.

Ploch (2025) identificou em discursos de autores TERF no X/Twitter interesses conflituantes entre pessoas trans, bem como processos de distanciamento entre grupos e perceções de ameaça. Estes resultados podem ajudar a contextualizar a média mais elevada de linguagem de conflito observada na categoria LGB. A magnitude do efeito foi, contudo, muito reduzida ($\varepsilon^2 = .00030$), indicando uma diferença linguística de pequena dimensão entre as categorias analisadas.

Tom emocional e fundações morais

As análises relativas ao tom emocional e às fundações tiveram carácter exploratório, não tendo sido formuladas previsões direcionais específicas para estas dimensões. No tom emocional positivo, observou-se uma ordenação crescente das médias entre as categorias LGB ($M = 27.10$), LGBT ($M = 33.50$) e Trans ($M = 37.10$).

A literatura sobre análise linguística de discursos online mostra que os indicadores de tom e de emoção podem variar em função do destinatário e do conteúdo das publicações. Rodriguez et al. (2025) identificaram diferenças no tom negativo e na linguagem associada à raiva e no uso de palavrões em comentários do Facebook dirigidos a diferentes públicos, com valores mais elevados nos comentários dirigidos a investigadores. De forma semelhante, McLoughlin (2026) mostrou que textos de organizações feministas anti-trans e tradicionalistas anti-trans construíam ameaças partilhadas e mobilizavam o medo por meio de enquadramentos

distintos. Em conjunto, estes estudos sugerem que a expressão afetiva pode variar em função dos alvos e dos enquadramentos discursivos, oferecendo um contexto para a ordenação observada neste estudo.

No que respeita às fundações morais, a categoria LGBT apresentou a média mais elevada no cuidado (M = .216), enquanto a justiça e a lealdade apresentaram os valores mais elevados na categoria Trans (M = .209 e M = .211). A autoridade e a santidade/pureza apresentaram as médias mais elevadas na categoria LGB (M = .195 e M = .181). Estes resultados referem-se à presença relativa de marcadores lexicais associados a cada uma das fundações morais.

Os resultados relativos ao cuidado e à justiça podem ser compreendidos conjuntamente, uma vez que os discursos sobre género e direitos trans articulam frequentemente a proteção, a segurança, o reconhecimento e o acesso a direitos. Westbrook e Schilt (2014) mostraram que os debates públicos sobre direitos de pessoas trans eram atravessados por representações das mulheres como vulneráveis e necessitadas de proteção, bem como por disputas sobre os critérios legítimos de acesso a diferentes espaços sociais. De forma semelhante, Turnbull-Dugarte e McMillan (2023) verificaram que enquadramentos trans-excludentes centrados na segurança e no bem-estar das mulheres reduziam o apoio à autodeterminação de género. Estes estudos ajudam a contextualizar como referências à proteção e aos direitos podem assumir diferentes configurações nos discursos analisados.

A lealdade pode estar relacionada com a valorização do grupo de pertença e com a demarcação em relação a grupos extremos. Kennedy et al. (2023) observaram que a linguagem associada à lealdade surgia em referências aos grupos internos e apresentava relações com termos hostis em diferentes línguas, sobretudo quando estes se dirigiam a grupos definidos pela etnia, nacionalidade, religião ou orientação sexual. Esta associação permite interpretar a maior presença relativa de marcadores de lealdade na categoria Trans como uma diferença na forma de construir, linguisticamente, pertenças e fronteiras grupais, principalmente no contexto de tentativas de exclusão deste grupo da comunidade LGB.

Na dimensão da autoridade, associada à tradição e à manutenção da ordem social, o padrão observado na categoria LGB pode ser enquadrado por estudos sobre discursos anti-género que analisaram a defesa de normas familiares e sexuais consideradas estabelecidas. Clarke (2024) descreveu como a LGB Alliance apresentava a inclusão de pessoas trans como uma ameaça aos direitos baseados no sexo e à segurança das mulheres cisgénero, reforçando normas binárias de sexo e género. Também Zervoulakou et al. (2025) identificaram discursos que apresentavam a igualdade de género e as comunidades LGBTQ+ como ameaças aos valores

tradicionais e às estruturas familiares. Estes estudos ajudam a compreender a maior presença relativa de marcadores associados à autoridade na categoria LGB, ao mostrarem como a defesa de normas e estruturas estabelecidas pode organizar o discurso sobre género.

Relativamente à santidade, Kennedy et al. (2023) verificaram que a linguagem associada à pureza era particularmente proeminente em determinados contextos de propaganda e de discurso de ódio online, estando relacionada com representações de degradação moral do grupo externo. Este resultado permite compreender como o vocabulário associado à pureza ou à santidade pode contribuir para a construção de fronteiras morais entre grupos. A maior frequência relativa destes marcadores na categoria LGB é, assim, compatível com essa possibilidade interpretativa.

As magnitudes dos efeitos foram reduzidas tanto no tom emocional ($\varepsilon^2 = .00210$) como nas cinco fundações morais ($\varepsilon^2 = .00001–.00194$), indicando que as diferenças observadas correspondem a variações de pequena dimensão na distribuição lexical entre as modalidades discursivas.

Conclusão

O presente estudo procurou analisar diferenças nos padrões linguísticos entre três modalidades discursivas LGBTQ+ no X/Twitter, definidas pela relação com a temática trans. A análise incidiu sobre a linguagem pró-social, a humanização e o conflito, explorando também o tom emocional e as cinco fundações morais.

As hipóteses H1 a H3 foram suportadas. As categorias Trans e LGBT apresentaram maior presença relativa de vocabulário pró-social do que a categoria LGB, enquanto o conflito apresentou maior presença de vocabulário na categoria LGB. A categoria LGB também apresentou menor presença relativa de vocabulário associado à humanização.

Nas análises exploratórias, as diferenças variaram conforme o indicador considerado. O tom emocional e as cinco fundações morais não apresentaram uma ordenação comum entre as categorias, o que não permite estabelecer que uma forma discursiva seja globalmente mais positiva, mais moral ou mais inclusiva. As magnitudes dos efeitos foram reduzidas, pelo que as diferenças identificadas devem ser entendidas como variações linguísticas de pequena dimensão.

Assim, o contributo científico deste estudo reside na integração, num desenho comparativo comum, de diferentes indicadores linguísticos aplicados a categorias discursivas definidas pela sua relação com a temática trans. Esta opção fornece uma contribuição empírica e descritiva para a investigação psicológica do discurso intergrupal em ambientes digitais, ao comparar padrões linguísticos no discurso LGBTQ+ online com base no mesmo corpus e em critérios de análise comparáveis.

A interpretação destes resultados deve considerar as limitações do desenho e da operacionalização das variáveis. Em particular, a variável Humanização foi utilizada como indicador indireto da previsão de desumanização, enquanto os indicadores de desumanização direta apresentaram frequências muito reduzidas. Por essa razão, não é possível concluir diretamente que as publicações classificadas como LGB apresentem mais linguagem desumanizante. Além disso, as categorias foram construídas a partir de hashtags e palavras-chave, podendo incluir publicações heterogéneas. Os dicionários utilizados identificam padrões lexicais, mas não permitem determinar isoladamente o contexto, o alvo ou a função comunicativa de cada expressão. Finalmente, o estudo baseou-se num corpus do X/Twitter recolhido num período específico, com distribuição desigual entre as categorias e desenho

observacional. Assim, os resultados devem ser interpretados no contexto analisado e não permitem estabelecer relações causais.

Investigações futuras poderão combinar a análise lexical com anotação manual e análise contextual, utilizar amostras mais equilibradas e abranger diferentes plataformas e períodos temporais. Poderá também ser relevante recorrer a indicadores diretos de desumanização e analisar com mais detalhe os alvos e as funções discursivas das expressões identificadas.

Referências

Boyd, R. L., Ashokkumar, A., Seraj, S., & Pennebaker, J. W. (2022). *The Development and Psychometric Properties of LIWC-22*. https://www.liwc.app/

Clarke, H. (2024). (Re)producing sex/gender normativities: LGB alliance, political whiteness and heteroactivism. *Journal of Gender Studies*, 1–12. https://doi.org/10.1080/09589236.2024.2307602

Fortuna, P., & Nunes, S. (2018). A Survey on Automatic Detection of Hate Speech in Text. *ACM Computing Surveys*, *51*(4), 1–30. https://doi.org/10.1145/3232676

Frimer, J. A., Aquino, K., Gebauer, J. E., Zhu, L. (Lei), & Oakes, H. (2015). A decline in prosocial language helps explain public disapproval of the US Congress. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, *112*(21), 6591–6594. https://doi.org/10.1073/pnas.1500355112

Frimer, J. A., Schaefer, N. K., & Oakes, H. (2014). Moral actor, selfish agent. *Journal of Personality and Social Psychology*, *106*(5), 790–802. https://doi.org/10.1037/a0036040

Guerra, R., Carvalho, P., Marques, C., Carmona, M., Sarroeira, R., Batista, F., Ribeiro, R., Fonseca, A., Moro, S., & Silva, C. (2025). Unpacking online hate speech in Portuguese social media: A social-psychological and linguistic-discursive approach. *Humanities and Social Sciences Communications*, *12*(1), 1709. https://doi.org/10.1057/s41599-025-05392-9

Hendricks, M. L., & Testa, R. J. (2012). A conceptual framework for clinical work with transgender and gender nonconforming clients: An adaptation of the Minority Stress Model. *Professional Psychology: Research and Practice*, *43*(5), 460–467. https://doi.org/10.1037/a0029597

Hopp, F. R., Fisher, J. T., Cornell, D., Huskey, R., & Weber, R. (2021). The extended Moral Foundations Dictionary (eMFD): Development and applications of a crowd-sourced approach to extracting moral intuitions from text. *Behavior Research Methods*, *53*(1), 232–246. https://doi.org/10.3758/s13428-020-01433-0

Kennedy, B., Atari, M., Hoover, J., Mostafazadeh Davini, A., Dehghani, M., Trager, J., & Golazizian, P. (2023). The (moral) language of hate. *PNAS Nexus*, *2*(7).

Kesberg, R., & Mügge, L. (2026). The Power of Narrative: Semiotic Violence in Anti-Gender Messages Online. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, *36*(3), e70268. https://doi.org/10.1002/casp.70268

Link, B. G., & Phelan, J. C. (2001). Conceptualizing Stigma. *Annual Review of Sociology*, *2*, 363–385.

Locatelli, D., Damo, G., & Nozza, D. (2023). A Cross-Lingual Study of Homotransphobia on Twitter. *Proceedings of the First Workshop on Cross-Cultural Considerations in NLP (C3NLP)*, 16–24. https://doi.org/10.18653/v1/2023.c3nlp-1.3

Lu, C., & Jurgens, D. (2022). The subtle language of exclusion: Identifying the Toxic Speech of Trans-exclusionary Radical Feminists. *Proceedings of the Sixth Workshop on Online Abuse and Harms (WOAH)*, 79–91. https://doi.org/10.18653/v1/2022.woah-1.8

McLoughlin, M. (2026). Transnational Transphobias: Feminist and Traditionalist Anti-Gender Affective Orientations. *Politics & Gender*, *22*(3), 687–713. https://doi.org/10.1017/S1743923X26100610

Meira, J. D. S., Antunes, D. C., & Oliveira, I. F. N. D. (2023). TRANSFOBIA, LINCHAMENTO VIRTUAL E O PENSAMENTO ANTIDEMOCRÁTICO NO TWITTER. *Psicologia & Sociedade*, *35*, e263652. https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35263652

Mendelsohn, J., Tsvetkov, Y., & Jurafsky, D. (2020). A Framework for the Computational Linguistic Analysis of Dehumanization. *Frontiers in Artificial Intelligence*, *3*, 55. https://doi.org/10.3389/frai.2020.00055

Meyer, I. H. (2003). Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence. *Psychological Bulletin*, *129*(5), 674–697. https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674

Milenkovic, J. (2026). Refusal, effacement, and non-belonging: Exploring the affective work of anti-trans/gender language games. *Cogent Arts & Humanities*, *13*(1), 2675810. https://doi.org/10.1080/23311983.2026.2675810

Nai, J., Narayanan, J., Hernandez, I., & Savani, K. (2018). People in more racially diverse neighborhoods are more prosocial. *Journal of Personality and Social Psychology*, *114*(4), 497–515. https://doi.org/10.1037/pspa0000103

Platten S., Haji R., & Boyd R.L. (2020). *Humanizing and dehumanizing themes of Muslims surrounding 9/11: Computerized language analysis* [Poster].

Ploch, N. (2025). A systematic review of TERF behaviour online in relation to sociopsychological group dynamics. *Journal of Gender Studies*, *34*(4), 526–539. https://doi.org/10.1080/09589236.2024.2431569

Rodriguez, V. J., Peterson, B., Benhayoun, A., & Liu, Q. (2025). Digital Hostility Toward LGBTQIA+ Research Recruitment on Social Media Using Topic Modeling and Sentiment Analysis of Facebook Comments: Quantitative Content Analysis Study. *Journal of Medical Internet Research*, *27*, e79080. https://doi.org/10.2196/79080

Saha, K., Kim, S. C., Reddy, M. D., Carter, A. J., Sharma, E., Haimson, O. L., & De Choudhury, M. (2019). The Language of LGBTQ+ Minority Stress Experiences on Social Media. *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, *3*(CSCW), 1–22. https://doi.org/10.1145/3361108

Santos de Menezes, M. (2025). Violência e saúde: Consequências dos crimes de ódio homotransfóbicos em Portugal. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, *11*(1). https://doi.org/10.31211/rpics.2025.11.1.404

Teixeira, I. L., & Haiashida, K. A. (2025). *TRANSFOBIA E DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: ABJEÇÃO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA FEMINILIDADES TRANS NO INSTAGRAM*. *12*.

Testa, R. J., Habarth, J., Peta, J., Balsam, K., & Bockting, W. (2015). Development of the Gender Minority Stress and Resilience Measure. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, *2*(1), 65–77. https://doi.org/10.1037/sgd0000081

Turnbull-Dugarte, S. J., & McMillan, F. (2023). "Protect the women!" Trans-exclusionary feminist issue framing and support for transgender rights. *Policy Studies Journal*, *51*(3), 629–666. https://doi.org/10.1111/psj.12484

Westbrook, L., & Schilt, K. (2014). Doing Gender, Determining Gender: Transgender People, Gender Panics, and the Maintenance of the Sex/Gender/Sexuality System. *Gender & Society*, *28*(1), 32–57. https://doi.org/10.1177/0891243213503203

Worthen, M. G. F. (2022). This is my TERF! Lesbian Feminists and the Stigmatization of Trans Women. *Sexuality & Culture*, *26*(5), 1782–1803. https://doi.org/10.1007/s12119-022-09970-w

Yoder, M., Ng, L., Brown, D. W., & Carley, K. (2022). How Hate Speech Varies by Target Identity: A Computational Analysis. *Proceedings of the 26th Conference on Computational Natural Language Learning (CoNLL)*, 27–39. https://doi.org/10.18653/v1/2022.conll-1.3

Zervoulakou, M., Kesberg, R., & Mügge, L. (2025). Threat Narratives in Anti-gender Movements' Online Presence: A Comparative Analysis between CitizenGo and Europe for Family. *Politikon: The IAPSS Journal of Political Science*, *25*(2), 57–90. https://doi.org/10.22151/politikon.42025.3

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO